

## **Solidão e completude nas personagens de Sônia Coutinho**

**Lilian Santana da Silva**

Universidade Federal da Bahia

**RESUMO:** Este artigo é parte da pesquisa de mestrado sobre “O corpo feminino nos contos de Sônia Coutinho“, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo - PPGNEIM. O estudo analisa as personagens dos contos “Orquídea”(1978) e “Gilda, seu passado negro”(2001) de Sônia Coutinho. O objetivo é estabelecer o significado com e para um discurso legitimador de uma identidade e sexualidade transformadora do eu. Os pressupostos teóricos da Análise do Discurso Francesa, da Crítica Feminista e da Psicanálise orientam a análise dos contos. Para entender as relações e significados estabelecidos pelos elementos que fazem parte do trabalho, foi privilegiada uma metodologia qualitativa de cunho interpretativo a partir da análise textual. As categorias analíticas escolhidas foram a interdiscursividade e a metáfora. A discussão condensa os aspectos identitários das personagens, a sensação de solidão, os desejos, as obsessões e a incomunicabilidade num processo que reflete as vicissitudes do ser. O resultado da análise é a percepção de que a pulsão da vida não se separa da negatividade e possibilita que a narrativa traduza a complexa realidade da experiência humana.

**Palavras-chave:** Literatura; Gênero; Psicanálise; Identidade; Sexualidade.

### **INTRODUÇÃO**

Este artigo é parte da pesquisa de mestrado sobre “O corpo feminino nos contos de Sônia Coutinho“. O estudo analisa as personagens dos contos “Orquídea” e “Gilda, seu passado negro”, que constam respectivamente nos livros *Os venenos de Lúcrecia* (1978) e *Mil olhos de uma rosa* (2001) de Sônia Coutinho. Com o objetivo de estabelecer o significado com e para um discurso legitimador de uma identidade e sexualidade transformadora do eu, utilizo os pressupostos teóricos da Análise do Discurso Francesa, da Crítica Feminista e da Psicanálise na análise dos contos.

Segundo Saussure, em seu livro *Curso de Linguística Geral*, o sentido é o produto de um jogo de diferenças. Este jogo de diferenças em Análise de Discurso refere-se ao efeito de sentido que é uma infinita variedade de valores de que se podem investir as unidades do discurso em função do contexto em que elas se inscrevem. Pêcheux leva em consideração a iterabilidade e a reversibilidade dos enunciados,

chegando a afirmar que todo discurso/enunciado é passível de se tornar outro. Isso devido ao jogo de determinação dos sentidos a partir das posições-sujeito e das formações discursivas. Este teórico francês também considerou o papel da ideologia e do inconsciente na determinação dos sentidos.

Para a Análise de Discurso, o sujeito não apenas está ligado à constituição dos sentidos, mas ele próprio se constitui enquanto um efeito de sentido a partir das relações que trava com a formação discursiva na qual está inserido. Quando ocorre a articulação entre língua, ideologia e história emergem o efeito-sujeito ou as diferentes posições-sujeito e assim se estabelece o sentido. Na busca pela significação, o campo da psicanálise e da teoria e crítica literária se encontram e se desencontram na interpretação de um sistema de representação constituído pelo corpo textual.

De acordo com Schmidt (2002), podemos pensar a psicanálise e a literatura como campos simbólicos, integrantes do sistema de produção intelectual /cultural e participantes na produção de códigos, cujas articulações teóricas e imaginárias estão implicadas na projeção de conceitos sobre o sujeito e a cultura. O simbólico é a forma como e pela qual somos inseridos na experiência e ações da vida cotidiana, de modo a tornar possível o reconhecimento e a legitimação de uma visão de mundo e as representações da produção e reprodução do sistema social e cultural em que vivemos.

Tanto na análise literária quanto na psicanálise, os procedimentos, a polissemia, a ambigüidade semântica são artifícios de linguagem que provocam mudanças nas relações significativas com o texto, influenciando a leitura de mundo.

Para entender as relações e significados estabelecidos pelos elementos que fazem parte do trabalho, foi privilegiada uma metodologia qualitativa de cunho interpretativo a partir da análise textual. As categorias analíticas escolhidas foram a interdiscursividade e a metáfora. A discussão condensa os aspectos identitários das personagens, a sensação de solidão, os desejos, as obsessões e a incomunicabilidade num processo que reflete as vicissitudes do ser.

Início este artigo com uma breve apresentação do campo teórico adotado e da relação interdisciplinar envolvida na análise textual. Em seguida faço considerações acerca das categorias analíticas e apresento a análise.

### ***PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS***

Este estudo foi fundamentada na Análise de Discurso de linha francesa, doravante AD. Nessa perspectiva, a AD toma o discurso como seu objeto próprio, o que significa tomar a palavra em movimento, e compreender a língua fazendo sentido, razão pela qual é preciso analisá-la além da frase, analisar o discurso materializado no texto e associado a um contexto.

A AD considera que o sujeito é socialmente constituído, o seu discurso se dá no interior de formações ideológicas. Estas são as regras e especificidades das práticas

discursivas em uma instituição ou sociedade, considerando-se a configuração e reconfiguração dessas mesmas práticas em vista das relações de poder existentes. Faz-se necessário, então, analisar as várias funções enunciativas que o sujeito falante desempenha dentro do texto: locutor, enunciador, autor, pois se o sujeito se marca no discurso, este também se inscreve no sujeito, produzindo, com isso, algumas conseqüências no fazer significativo do texto. A língua, a partir do trabalho teórico de Pêcheux, passa a ser vista não apenas como um conjunto de convenções necessárias do qual o sujeito se apropria para significar-se, mas como condição de possibilidade de constituição de um discurso. O trabalho da AD se dá sobre a materialidade discursiva, para identificar os funcionamentos discursivos que promovem a ilusão de um sentido único. O deslocamento dos sentidos do/no interdiscurso (o já-dito, a memória discursiva, ou ainda, tal como Orlandi (2005) reitera em vários de seus trabalhos, a memória do dizer) é que produz os efeitos de sentido, recuperáveis na superfície discursiva a partir das posições-sujeito, esses sendo os responsáveis pela cristalização dos sentidos. Ao mesmo tempo em que o sentido é delimitado e determinado pelo reiterável (interdiscurso), pode subverter a ordem dos sentidos já estabelecidos a partir dos deslocamentos (resultantes do trabalho do sujeito do discurso sobre a forma-sujeito).

Para entender o interdiscurso, é necessário conceituar os elementos que auxiliam na construção do sentido em Análise de Discurso. A partir da compreensão de que uma formação discursiva representa no discurso as formações ideológicas. Percebe-se que os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Portanto, não há sentido sem interpretação, diante de qualquer objeto simbólico somos levados a interpretar. Nesse movimento de interpretação, parece que os sentidos já estavam lá.

O trabalho ideológico é um trabalho de memória e do esquecimento, pois somente quando esquecemos quem disse, quando, onde e por quê, é que o sentido de um objeto simbólico produz seus efeitos. A interpretação é garantida pela memória sob dois aspectos: a memória institucionalizada (o arquivo) e a memória constitutiva (o interdiscurso). Para Orlandi (2005), o interdiscurso é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva, o que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito.

Sobre o interdiscurso, Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 286) dizem que:

Todo discurso é atravessado pela interdiscursividade, tem a propriedade de estar em relação multiforme com outros discursos, de entrar no interdiscurso. [...]

Em sentido restritivo, o interdiscurso é também um espaço discursivo, um conjunto de discursos (de um mesmo campo discursivo ou de campos distintos) que mantém relações de delimitação recíproca uns com os outros.

Assim sendo, quando o sujeito fala, retoma sentidos que afetam o modo como ele significa uma determinada situação discursiva. Suas palavras se ligam a um saber discursivo ao qual Pêcheux (1997, p. 162) denominou de interdiscurso, e o definiu como tudo que se refere à memória discursiva e ideológica que se encontra presente no momento da construção de sentido.

Por esta definição, o interdiscurso diz respeito a um processo de incorporação constante de algo que já foi dito antes, em outro local, em outros momentos históricos, mas que produzem efeito sobre o dizer do sujeito e suas representações. Logo as palavras dos sujeitos não são, exclusivamente, deles. Elas significam pela história e pela língua associando-se a outros dizeres, a partir do já-dito que sustenta esse dizer.

É preciso não confundir o que é interdiscurso e o que é intertexto. O interdiscurso é a memória afetada pelo esquecimento. Para que minhas palavras tenham sentido, é preciso que elas já façam sentido, enquanto o intertexto restringe-se à relação de um texto com outros textos (Orlandi, 2005, p.33-34).

Sobre a metáfora, uma categoria relacionada a significação, parto do pressupostos de Lakoff e Johnson (2002) que compreende este elemento como um fenômeno da linguagem de valor cognitivo. De acordo com esses autores, o processo metafórico estrutura o pensamento e a ação humana. A metáfora é definida como um processo cognitivo próprio do sistema conceitual humano, não apenas como uma função da linguagem. Esses conceitos dirigem nossos pensamentos, regem as nossas atividades cotidianas, exercendo um papel na definição de nossa realidade e de nossas experiências. “Eles estruturam o que percebemos, a maneira como nos comportamos no mundo e o modo como nos relacionamos com outras pessoas” (Lakoff e Johnson, 2002, p. 45-46).

Em sua teoria, os autores estabelecem uma classificação dos conceitos metafóricos, agrupando-os em três grandes classes, a saber: metáforas estruturais ou conceituais - são aquelas nas quais “um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro”; metáforas orientacionais ou espaciais - são as metáforas que, diferentemente das primeiras, “recebem uma orientação espacial não-arbitrária, pois é baseada na nossa experiência física e cultural”. Essas metáforas recebem esse nome porque a maioria delas tem a ver com a orientação espacial; metáforas ontológicas - essas metáforas surgem de nossa experiência com substâncias e objetos físicos. Segundo os autores, as experiências que vivenciamos (especialmente com o nosso corpo) fornecem uma ampla base de metáforas ontológicas, ou seja, a maneira como concebemos eventos, atividades, emoções, idéias, como entidades e substâncias.

A ênfase dada pelos autores aos aspectos cognitivos pode parecer que eles não estão inclinados a ver o caráter sociocultural das metáforas. Entretanto, se observar o tratamento dado às metáforas estruturais, os autores enfocam a importância da relação entre metáfora e cultura: As metáforas “trabalho é um recurso” e “tempo é um recurso” não são universais. Elas emergiram em nossa cultura devido à maneira como concebemos o trabalho, à nossa paixão pela quantificação e à nossa obsessão por fins específicos. Essas metáforas enfatizam aqueles aspectos do trabalho e do tempo que têm importância central em nossa cultura. (Lakoff e Johnson, 2002, p. 140)

### ***SOLIDÃO E COMPLETEZ: ORQUÍDEA E GILDA***

O conto Orquídea retrata a história de uma personagem insatisfeita com a realidade circundante, mas que nada faz no intuito de modificar a estranha sensação de

falta e incompletude vivenciada a todo instante. A metáfora do “lobo emboscado na floresta” apresenta a dimensão de como internamente a personagem estabelece seus vínculos com a mãe, o marido, amigos e com o projeto de vida executado (a casa, o casamento, a imagem de esposa e filha).

A relação da personagem com sua mãe reproduz um processo de fusão identitária, em que mãe e filha pensam, agem e possuem experiências semelhantes. Segundo Chodorow (1990), no plano inconsciente, a mulher frequentemente não se separa suficientemente de sua mãe; sua identidade nunca se torna distinta da identidade de sua mãe, e ela permanece, inconscientemente, num estado de mistura ou fusão no qual é impossível distinguir entre seus próprios sentimentos e os da mãe:

As mães tendem a vivenciar as filhas como mais semelhantes, e contíguas, a si mesmas. Dessa forma correspondente, as meninas tendem a continuar como parte da própria relação diádica primária mãe-filha. Isso significa que a menina continua a ter a experiência de si como envolvida em questões de fusão e separação, e num apego caracterizado pela identificação primária e pela fusão da identificação com o objeto de escolha. (Chodorow, 1990, p. 164)

Tanto orquídea como sua mãe estabelecem as mesmas diretrizes na organização e gerenciamento do casamento. O marido da personagem não interfere nos planos das duas mulheres. Sua existência é tão insignificante quanto a do pai da personagem principal. A mãe não somente projeta suas fantasias, aspirações e anseios na filha, mas também realiza seus desejos, enquanto a filha executa e mantém a projeção do seu eu com o da sua mãe. Mesmo assim, o sentimento de falta e estranheza perpassa pela personagem e assume a metáfora do ser encurralado em uma existência solitária e afastada do objeto de satisfação.

Para a psicanálise, a relação com o mundo exterior é regida pelo princípio da realidade e nos obriga a conviver com a falta. O desejo, fundamento dos processos psíquicos, se origina em conjunto com a ferida da incompletude. A personagem convive com a falta e alimenta o seu preenchimento com a fantasia da completude de uma sexualidade integradora do eu. Ao sonhar-fantasiar com um menino virgem e se proporcionar prazer, mergulhar num desejo de plenitude narcísica, em que o “negro fundo do mar e o pântano escondido com venenosas flores” resgata o amor a si mesmo e compensa o amor fusional.

Green (1988) referindo-se a Lacan, vê no desejo o movimento pelo qual o sujeito é descentrado: a busca pelo objeto da falta faz o sujeito viver a experiência de que o seu centro está fora de si, num objeto separado que necessita ser reencontrado. Por isso, o desejo se relaciona com a falta, a separação do objeto. Após a separação, o objeto e o ego narcísico se constituem, e o amor a si mesmo se compensa pela perda do amor fusional. Logo, o mito de Narciso tem o momento culminante quando ocorre a fusão do objeto com sua imagem no elemento líquido. Dessa forma, o complexo de Édipo se encaminha para a formação do superego, para garantir a integridade narcísica.

O desejo pode ser visto como desejo de plenitude narcísica, mediante o resgate da unidade perdida. O narcisismo primário como metáfora para a tendência humana a totalidade.

No conto Gilda, seu passado negro, o primeiro elemento que chama atenção é a intertextualidade contida no nome da personagem. Gilda faz referência a uma personagem emblemática de um filme da década de 40. A sedução e a sexualidade envolvida na história do filme se refaz na personagem do conto de Sônia Coutinho. A mistura de mulher sedutora com as atitudes de uma deusa maléfica se confundem na apresentação de uma personagem que não fala mas dialoga com o narrador a ponto de se transformar em uma identidade possível do seu eu. Gilda parece assemelhar-se a idéia do duplo, uma noção ligada ao conceito primitivo de heterogeneidade intrínseca do ser. O estudo de Sigmund Freud sobre “O estranho” (1919) aborda esta questão do duplo. A partir de pesquisas lingüísticas sobre o vocábulo *Unheimliche*, que, em alemão, significa estranho e familiar, Freud tece considerações decorrentes da afirmação de que o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar. A personagem Gilda é familiar e estranha, o narrador teve um romance e foi o seu colega de trabalho por anos, mesmo assim não sabe quem ou onde está mulher misteriosa.

A natureza do duplo propicia tratar o ego como um objeto, e essa capacidade narcisista de auto-observação frequentemente conduzirá a estranheza e a familiaridade que pode converter a idéia de um outro eu emergente numa circunstância aterrorizante (Freud, 1986). O narrador depois de circular em lembranças sobre Gilda, desbloqueia a informação de que assassinou a personagem e vislumbra que Gilda é a descoberta final sobre si mesmo, é o símbolo de um período que gostaria de reencontrar. A identidade das personagens se fundem porque pouco ou nenhuma diferença moral e pessoal havia entre elas.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este texto desnuda traços de um indivíduo múltiplo e de uma identidade complexa, que é apreendida e expressa a partir das tentativas de transpor a (in)completude do ser e da interpretação do objeto. Ao trabalhar com a linguagem e iluminar as sombras e dobras textuais, significados são produzidos e concebidos. Se as personagens se desdobram a partir de seus desejos, faltas, e obsessões, também se observa a incomunicabilidade que muitas vezes se impõe para marcar a impossibilidade de compreensão totalizadora do texto. Os sentidos delineados em uma leitura não são ou serão os mesmos em outro contexto e momento, decifrar o que está dito ou contido não esgota a significação de uma narrativa.

Orquídea, em sua aceitação da realidade e Gilda, recuperando em outra identidade o ser assassinado pela memória e o tempo, respondem por uma escrita que interpelam o sujeito na inquietante descoberta de um eu cindido. O resultado da análise é a percepção de que a pulsão da vida não se separa da negatividade e possibilita que a narrativa traduza a complexa realidade da experiência humana.

Silva, L. S. (2010) Solitude and completeness in characters of Sônia Coutinho. *Revista de Psicologia da UNESP* 10(1), 96-103.

**ABSTRACT:** *This article is part of research master about “The female body on stories of Sônia Coutinho”, entailed at Program of Postgraduation Studies Interdiscipliner about Women, Gender and Feminism - PPGNEIM. The paper analyse the characters of stories “Orquídea” (1978) and “Gilda, seu passado negro” (2001) of Sônia Coutinho. The objective is establishing the meaning with and for a legitimate discourse of an identity and sexuality transformer of self. The theoretical presuppositions of French Discourse Analysis, Feminist Critical and Psychoanalysis orientate the analyse of stories. For undertand the relation and determined meaning by elements that make part of work. It was privileged a qualificative methodology interpretative type through textual analysis. The analytical categories was selected the interdiscursivity and the metaphor. The discussion condense the features of identity of characters, the sensation of solitude, the desires, the obsessions and the uncommunicaty at a process that reflect the vicissitudes of being. The result of analyse is the perception the pulse of life if not negative separate and enable the narrative translate the complex reality of human experience.*

**Key words:** *Literature; Gender; Psychoanalysis; Identity; Sexuality.*

## **REFERÊNCIAS**

Charaudeau, Patrick; Maingueneau, Dominique (2004) **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto.

Chodorow, Nancy (1990) **Psicanálise da maternidade**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

Coutinho, Sônia (1978) **Os venenos de Lúcrecia**. Rio de Janeiro, José Olympio.

\_\_\_\_\_. **Mil olhos de uma rosa** (2001) Rio de Janeiro: 7 Letras.

Freud, S. **Obras completas. Sobre o narcisismo: uma introdução** (1996) Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. O estranho. In: \_\_\_\_\_ **Edição standard das obras completas de Sigmund Freud** (1986) Rio de Janeiro: Imago.

Green, André. **Narcisismo da vida. Narcisismo da morte** (1988) São Paulo: Escuta.

Lakoff, , G.; Johnson, M. **Metáforas da vida cotidiana** (2002) Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Educ.

Orlandi, Eni Puccinelli (2005) **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 5. ed. São Paulo: Pontes.

Pêcheux, M. (1997) **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio (E. Orlandi, trad) et. al, Campinas, SP: EDUNICAMP, [1975].

Schmidt, R. T. (2002) Pelo viés da cultura: repensando relações entre Psicanálise e Literatura. In: MASINA, Léa, CARDONI, Vera. **Literatura Comparada e Psicanálise**: interdisciplinaridade, interdiscursividade, p. 41-48. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto.

*Recebido: 29 de novembro de 2009.*

*Aprovado: 10 de março de 2010.*